

Formação e prática docente: o uso de temas sensíveis nas aulas de História e Literatura**Teacher formation and practice: the use of themes sensitive at classes in History and Literature**

DOI:10.34117/bjdv6n7-122

Recebimento dos originais:02/06/2020

Aceitação para publicação:07/07/2020

Adriano Alves Bezerra

Pós-Graduação (especialista) em Ensino de Língua Espanhola pela Universidade Cândido Mendes.

Graduando em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Endereço: Rua Sebastião Donato, 251 – Centro, Campina Grande – PB, Brasil

E-mail: adrianoalves077@gmail.com

Francisca Kelly Gomes Cristovam

Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande

Graduanda em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Endereço: Rua Dr. Costa Araújo, 995 – Bairro Fátima, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: kellycristovam@gmail.com

Maria Jucineide Araújo

Pós-Graduação (especialista) em História pela Universidade Federal de Campina Grande

Graduanda em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Endereço: Rua Silva Salvino, 99 – Centro, Pocinhos – PB, Brasil

E-mail: jucyharaujo@gmail.com

Simone Zeferino Pê

Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba. Graduanda em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Endereço: Rua Professor João Rodrigues, 178 – Vila Maia, Pocinhos – PB, Brasil

E-mail: simone.zpe23@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste texto é proporcionar reflexões sobre o uso de temas sensíveis abordados nas aulas de História e Literatura nos tempos atuais, no âmbito do ensino, o que vai além da transmissão conteúdos. Docentes de diversas áreas têm enfrentado dificuldades nas suas salas de aula, vivenciando imensos desafios de discutir alguns conteúdos, haja vista estarmos presenciando transformações políticas, econômicas e sociais que interferem no pensamento e na vida de cada ser humano. Nesse contexto, diversos professores, em especial, os que trabalham com disciplinas que permitem o aluno pensar mais o social, têm sido chamados de doutrinadores e comunistas, inclusive

acusados de tentar fazer com que seus alunos tenham um pensamento único e igual o seu. Entretanto, essa realidade é controversa, pois o que a grande maioria, dos docentes, deseja é ver uma sociedade pensante e livre de amarras. Sendo assim, nós autores deste artigo, realizamos reflexões sobre o uso de temas sensíveis nas aulas de História e Literatura, buscando perceber como podem ser discutidas determinadas temáticas sem gerar um estratagema para a vida do docente. Consideramos que argumentar sobre a prática em sala de aula é de extrema importância, e deve ser compartilhado com nossos pares, pois através dessas experiências podemos aprender uns com outros. Assim, dialogamos no corpo do texto com autores que tratam da temática, promovendo uma discussão acerca do respeito pelas múltiplas formas de pensar e a diversidade cultural em nossa sociedade.

Palavras-chave: Ensino, História, Literatura, Temas Sensíveis.

ABSTRACT

The goal of this text is to provide reflections on the use of sensitive topics addressed in History and Literature classes in current times, within the scope of teaching, which goes beyond the transmission of contents. Teachers of diverse areas have struggled difficulties in their classrooms, living immense challenges of discussing some contents, in view of the fact that we are experiencing political transformations, economics and social that interfere in the thinking and life of each human being. In this context, several teachers, in special, those who work with disciplines that allow the student to think more at the social, are called of indoctrinators and communists, until even accuseds of try to make their students have unique and equal thought your. However, this reality is controversial, because what the vast majority, of teachers, wish is to see a thinking society and free of tethers. Like this, we authors from of this article, we carry out reflections on the use of sensitive themes in classes in History and Literature, looking for to perceive how certain thematic can be discussed without generating a stratagem for the teacher's life. We consider that to argue about classroom practice utmost importance, and should be shared with our pairs, because through these experiences we can learn from each other. Like this, we dialogue in the body of the text with authors who what treat of thematic, promoting an discussion about from respect multiple ways of thinking and the cultural diversity in our society.

Keywords: Teaching, History, Literature, Sensitive Themes.

1 INTRODUÇÃO

As formas de falar, ler, ouvir e discutir são significativas nas aulas. Os discursos contribuem para a riqueza de pensamento e crescimento de docentes e discentes. Dessa forma, proporcionamos na escrita os frutos das nossas leituras e pensamentos de ideias que nos formam, gerando um diálogo. No processo educacional é essencial a discussão de temas da atualidade. Contudo, muitas vezes, são considerados sensíveis e polêmicos para professores e alunos, precisando ter sapiência para promover diálogos na sala de aula, principalmente o mestre responsável pela turma. Pensando nisto, este artigo objetiva trazer reflexões sobre os temas sensíveis, apontando debates que nos permitam pensar a prática da docência e seus desafios.

Para as autoras Cristovam e Araújo (2019)¹, ao discutirem sobre a prática de sala de aula e os temas sensíveis, afirmam que nas duas últimas décadas o conteúdo de formação de professor tem ganhado notoriedade, pois cada vez mais docentes têm encontrado, em suas turmas, um público diverso de posturas e pensamentos, mas também torna essencial que busquem mais formações, qualificações para aprimorar seu conhecimento e, por conseguinte, saber conduzir os distintos diálogos. Os desafios sempre existiram na sala de aula, no entanto, atualmente parecem ser mais evidentes que em outras épocas, todavia, não são totalmente prejudiciais, pois têm possibilitado a muitos professores melhorarem suas práticas, buscando novos conhecimentos.

A discussão e a dificuldade de lidar sobre os afamados temas sensíveis e polêmicos, tais como religião e política, são estímulos pertinentes à docência de História e Literatura, haja vista o quanto é importante o diálogo das questões que os rodeiam, o qual fazem parte da vida de seus discentes, bem como da comunidade escolar. Para Forgiarini e Auler (2009) no decurso educacional é essencial buscar orientações coletivas, e dentre estas “[...] o da desvinculação entre o “mundo da vida” e o “mundo da escola” [...]” (p. 400). O “mundo da vida” é caracterizado por problemas múltiplos, tais como tratar de temas polêmicos e de questões sociais relevantes. Já o “mundo da escola” tem muitas vezes ignorado tais situações, fechada e isolada a debates extremamente necessários para fortalecimento dos vínculos, discernimento do saber, prestação de serviço a sociedade na ajuda do esclarecimento, formar mão de obra para o mercado do trabalho ou mesmo ensinar questões significativas para melhoria de todos.

Não queremos, aqui, condenar a instituição escolar e seus profissionais, pois somos defensores do saber e da escola de qualidade para todos, especialmente a pública. Mas, destacamos que questionar o quanto é essencial buscar abrir-se a novos diálogos e discussões dentro dos espaços escolares se faz pertinente e urgente aos dias atuais. E, quando falamos de novos diálogos, encontra-se dentro desse contexto, o debate de temas que levam a várias olhares, as quais diversos educadores têm até se omitido a tratar em sala de aula, pois sabemos que não é fácil, porém imprescindível aos nossos dias, nos quais vivenciamos tantos desgastes e desigualdades sociais. Dessa forma, a análise sobre temas como política, religião, relacionamentos amorosos, racismo, a repressão e violência da ditadura militar, homossexualidade, entre tantos outros temas possíveis deve tornar-se uma realidade a ser enfrentada, pois ao olharmos ao nosso redor, possivelmente iremos encontrar algum(a) aluno(a) que sofre com suas escolhas e com a falta de respeito, seja da própria família ou de membros da sociedade.

¹ Ver texto “Formação e Prática Docente: o uso de temas sensíveis na sala de aula de história”.

Nesse sentido, enquanto pensadores sociais, professores e defensores de uma sociedade igualitária não podemos nos calar. É preciso trazer os temas sociais de relevância e que permeiam a vida de discentes e docentes para o centro do debate, não podemos contribuir para um saber fechado, pois é sim imprescindível dialogar os problemas e conexões vividos pela comunidade escolar.

Assim, neste texto estamos tratando sobre o ensino de história, literatura e o uso de temas considerados sensíveis/polêmicos em sala de aula. Tal discussão justifica-se pelo fato de estarmos vivenciando significativas transformações, num período em que os docentes são taxados de comunistas e doutrinadores, ou seja, são apontados por parte da sociedade de manipuladores do saber, e como profissionais de serviços irrelevantes. Contudo, os observadores mais atentos dos vários dilemas da nossa sociedade sabem que tal afirmação é falsa, pois o que temos cotidianamente são mestres buscando estimular seus discentes para terem o pensamento crítico, sendo cidadãos pensantes dentro e fora de suas salas de aulas. Destarte, podemos afirmar que os docentes têm lutado diariamente pela liberdade de pensamento e profissional de seus alunos.

Portanto, diante disso, por vivermos numa sociedade hipócrita, na qual a educação não é levada com respeito por governos e parte da sociedade civil, os mestres, especialmente os que optam por tratar nas suas aulas temas que mexem com a forma de pensamento e crenças, seguem mais vigilantes com suas palavras, o que vêm dificultando seu trabalho. Tal afirmação, não constitui, que antes os professores fossem despreparados e descomprometidos na ministração das suas aulas, porém cabe ressaltar que após o período democrático brasileiro, e antes das eleições de 2018, parece que docentes tinham mais liberdade e segurança para se expressarem, bem como criticar diversos aspectos da sociedade, sem que suas falas causassem tanto incômodo e até problemas no âmbito pessoal e institucional. Na verdade temos presenciado discursos e atos que nos remetem a tempos de censura e ditadura. Sendo assim, consideramos essencial partilhar com os pares as nossas reflexões, conquistas, angústias, para juntos aprendermos mais e aperfeiçoarmos nossa formação e a prática docente, é isto que promovemos neste texto, um convite ao diálogo para debater a prática e apontarmos saídas para uma docência saudável, comprometida com a liberdade de expressão/pensamento em sintonia com o tempo atual, e nesse contexto podemos dizer que realizar tais ações é discutir os temas sensíveis.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Consideram-se temas sensíveis, temáticas que exigem debates difíceis, que geram discussões múltiplas e até controversas na sala de aula, as quais exigem conhecimento e paciência para ouvir o outro e argumentar com informação científica e não com achismos.

Para Gil e Eugénio (2018)² apud Mével e Tutiaux-Guillon (2013), afirmam ser o tema sensível aquele carregado de ““questões quentes”, “sensíveis” ou “difíceis”, “vivas” ou “controversas”, “socialmente vivas”” (p. 142), como também “cheio de emoções, politicamente sensível, intelectualmente complexa e importante para o presente e o futuro em comum” (p. 142). Sendo assim, discutir sobre os temas sensíveis é também confrontar crenças, valores, costumes, interesses, que para alguns vão defender baseados em suas conveniências, outros a partir do olhar social e da ciência, e ainda têm aqueles que se calam porque ficam constrangidos de mostrar sua forma de pensar e ver o mundo com seus vários dilemas.

No contexto atual, abordar temas considerados sensíveis, polêmicos, controversos, na sala de aula, é um dos pontos que mais afligem os docentes, esse fato se dá tanto devido a moralização da sociedade quanto a partir do programa governamental, conforme apontam Pereira e Seffner (2019, p.149):

[...] No Brasil contemporâneo, é delicado falar em gênero e sexualidade na escola (está aí o movimento contra a *ideologia de gênero* que não nos deixa mentir), exige sensibilidade abordar o período da ditadura militar de 1964 a 1985 (está aí o movimento escola sem partido, que busca cercear a liberdade de ensinar e insiste em denominar este período de *democracia dirigida*), desperta polêmica a abordagem do evolucionismo como teoria científica a explicar a origem da humanidade (está aí o recente caso julgado pelo STF referente ao direito ao *homeschooling*, ou educação domiciliar, solicitado por uma família gaúcha cujo pertencimento religioso a faz acreditar no criacionismo) [...]

Os temas sensíveis, apesar de serem mais frequentes na disciplina de História e nas demais ciências humanas também podem ser encontrados nos mais variados componentes curriculares com temáticas que geram inúmeras discussões e desafiam o docente na forma de conduzir sua aula, visto que ele precisa mostrar a verdade, ao mesmo tempo resolver os atritos que porventura apareça entre a turma. No entanto, esses conteúdos são importantes para formação humana e cidadã, no geral, estão relacionados com a vida cotidiana e talvez, por isso, seja tão desafiador explorá-los, devendo-se buscar a maneira saudável e enriquecedora para docentes e discentes, ou seja, uma forma respeitosa de abordar e tratar os assuntos sem medo, mesmo quando há posicionamentos distintos e que por vezes envolvem suas ideologias e crenças.

Consideramos que as questões sensíveis vão de encontro aos temas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ou seja, estão relacionados, na mesma direção temática. De acordo com os PCNs (1998) os temas transversais são – ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo – não são novas áreas do conhecimento, por isso carecem de

² Ver texto “Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas”.

serem discutidos dentro dos componentes curriculares, a partir dos vários assuntos que possam ser debatidos nos distintos segmentos podendo ser trabalhados de forma interdisciplinar. Ainda, a partir do referido documento, a aprendizagem dos conteúdos com as temáticas citadas, deve ser relacionada com os outros conteúdos da disciplina e também não perder a relação com a região e a comunidade da escola (BRASIL, 1998).

Além disso, faz-se necessário esclarecer que as instituições de ensino gozam, por leis e decretos, de ampla liberdade para tratar os referidos temas dos PCNs e as temáticas relacionadas com a educação da maneira que perceberem ser mais conveniente, o que pode ser feito dentro dos conteúdos das disciplinas ou por meio de atividades complementares, como muitas escolas fazem, promovendo palestras em datas comemorativas, a exemplo do Dia da Mulher. No mais, os temas transversais diante das desigualdades e problemas sociais enfrentados pela nossa sociedade são de extrema relevância, pois é uma oportunidade de discutir uma questão relativa a vivência de vários docentes e discentes, e a escola precisa ficar mais atenta ao seu público e suas reais preocupações.

Percebemos como alternativas para as instituições de ensino, para tratar de tais assuntos, utilizar-se da literatura, documentários, filmes, artigos, textos jornalísticos, pois são formas capazes de trazer diversas histórias de modo mais envolvente e atrativo para os discentes, e assim é possível estimular o debate e o conhecimento nas aulas. Dessa maneira, entendemos que o desenvolvimento nacional e educacional perpassa pelo cenário da escola e da educação que está sendo oferecida, que deve ser de uma escola livre das amarras, primando pela democracia, criatividade, inclusão, enfim sendo plural, incentivadora do seu público e participante do desenvolvimento sustentável capaz de promover a igualdade e dar oportunidades para todos, e quando falamos todos significa que vai além de discentes e docentes.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) deixam claro terem como objetivo principal uma educação voltada para a cidadania. Para tanto, é essencial que nossas instituições escolares passem por reformas estruturais, de pensamento e curriculares, pois não é possível a construção da cidadania com aulas primando por conteúdos tradicionais, ela deve perpassar o estudo de temas transversais, científicos, criativos, sensíveis e polêmicos, infelizmente percebe-se que no Brasil, ainda, não obtém avanços significativos na área educacional para todas as instituições escolares e que vem demonstrando, nos últimos cinco anos, um grande retrocesso histórico de diminuição de verbas para o ensino público.

Portanto, é primordial uma transformação de paradigma para apreender que a educação tem a finalidade de promover a formação de um cidadão crítico. O uso dos temas Transversais e sensíveis

é uma excelente maneira de incluir as questões sociais no currículo escolar e promover debates comprometidos com uma educação de qualidade, inovadora e libertadora, pois os temas podem ser contextualizados, trabalhados em sintonia com as diferenças locais e regionais. Sendo assim, as disciplinas relacionadas a área de Ciências Humanas, especialmente as de Literatura e História, são frequentemente vistas com maus olhos devido a sua função de transmitir informações históricas passadas, costumeiramente criticadas, ora a respeito de sua papel social e/ou educativo, ora por serem acusadas de apresentar, algumas vezes, textos subversivos que podem influenciar o pensamento e relacionamentos sociais de seu público. Dessa forma, reafirmamos nossos compromissos, enquanto docentes, de lutar pela liberdade de expressão e discussão de temas sensíveis nas aulas, particularmente nas aulas de História e Literatura.

2.1 TEMAS SENSÍVEIS NAS AULAS DE HISTÓRIA

O ensino de história vem passando por transformações pedagógicas e ideológicas ao longo do tempo, mas isso não é sinônimo de que há ampla abertura para discussão de temas sensíveis em sala de aula, visto que, na atualidade, os docentes estão cada vez mais receosos em problematizar certas questões com o seu alunado, pois ao adentrar em temas de “discussões quentes”, os professores são mal compreendidos e atacados na sua forma de pensar.

Para as autoras Cristovam e Araújo (2019), não raras vezes, os docentes estão sendo, na sociedade brasileira, acusados de serem aqueles que não fazem o alunado pensar e serem cidadãos críticos, mas apontados de formar pessoas que tenham um pensamento igual ao seu. Nesta percepção, alguns sujeitos alegam que os discentes estão expostos a teorias revolucionárias, as quais não contribuem para a formação intelectual dos indivíduos, e sim formar alienados.

Essa nova perspectiva com relação à História é decorrente, dentre outros motivos, em consequência de que a partir do século XX, novas histórias foram inseridas na grade curricular da referida disciplina, como também, pelo fato da mesma discutir aspectos políticos e ideológicos durante o processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, percebemos uma desvalorização do ensino de história nos últimos anos, e um incentivo maior para com as disciplinas de exatas.

Além disso, a História foi ensinada por longos anos de forma muito tradicional, sendo vista pelos alunos como desestimuladora, como trata Alves e Rosa (2016), que sinalizam ser o modelo de ensinar, o principal motivo do desinteresse dos alunos, haja vista a disciplina não ser ministrada de forma viva e criativa, mas sim pelo viés do ensino positivista, narrativo, burocrático e repetitivo, provocando nos discentes a ideia de que a História é chata e não tem utilidade nas suas vidas.

O ensino de história nem sempre seguiu a didática reflexiva e indagativa, pelo contrário, por muito tempo, especialmente, nas escolas brasileiras, era dedicado aos fatos grandiosos e as pessoas tidas como importantes, como também, tinha o intuito de formar os ditos patriotas, que defendiam as ideologias pregadas pelos governantes, mesmo quando não eram adequadas e visivelmente o melhor para o país. Dentre essas ideologias, havia a percepção de que a nação fosse comandada por brancos, católicos, principalmente, do sexo masculino, quem não pertencesse a esse grupo seletivo, era deixado de lado, pois não tinha nenhum valor para a sociedade, e conseqüentemente para a história.

A partir, principalmente, dos estudos com a História Cultural e a Nova História, houve o surgimento de novas sapiências, os historiadores perceberam que as pessoas antes esquecidas eram de suma importância para a construção do saber histórico, esse novo viés de praticar a História acabou provocando mudanças na concepção de ver, pensar e ensinar a referida disciplina, e conseqüentemente o ensino da mesma, sendo tais mutações extremamente significativas. Com as transformações na perspectiva de ensinar história aparecem novos atores sociais como indígenas, mulheres, negros, entre outros, que começam a ganhar espaço na pesquisa e na escrita da História.

Porém, nem todos os docentes conseguiram acompanhar as novas discussões, formas de ver e pensar a História, de imediato, e até os nossos dias ainda encontram-se professores de História que carecem (re)ver sua prática para dialogar melhor com o conteúdo de uma história mais real e moderna condizente com a contemporaneidade.

Vale ressaltar, como coloca as autoras Cristovam e Araújo (2019), os discentes da atualidade fazem parte de um mundo moderno e cheio de tecnologias, os quais despertam o desejo por uma aula mais dinâmica, atrativa, discursiva que os levem a pensar. Os mesmos esperam que os docentes levem para sala de aula formas de interação com o conteúdo ministrado, expondo-o de forma mais questionadora e criativa, no entanto, todas as aulas não precisam ser equipadas com o auxílio de vídeos, slides e um data show para um bom funcionamento, contudo não devem ser restritas a leitura do livro didático, escrita no quadro sem questionamentos e debates sobre os fatos, é preciso sim esmiuçar os conteúdos e trazer para o centro da sala de aula assuntos relacionados com a vida cotidiana da comunidade escolar.

Dessa forma, promover uma aula de História que abordam diversas temáticas, a exemplo de assuntos que oportunizam discussões sobre as desigualdades sociais, o preconceito, as injustiças e o sofrimento das minorias, significa promover uma aula com temas sensíveis, que podem causar olhares e questionamentos múltiplos. Os autores Pereira e Paim (2018) corroboram com a ideia de que necessitamos pensar as questões sensíveis, o que exige um rompimento com a temporalidade

eurocentrada, ou seja, não podemos mirar no passado de uma história eurocêntrica como modelo a ser seguido no presente e este como o ápice de um processo evolutivo, pois temos de quebrar essa linha de pensamento, mostrando mais da nossa história, nossos valores, costumes, tradições e seu povo como um todo.

Abordar temas sensíveis não é uma tarefa fácil exige muito dos sujeitos envolvidos nesta atividade, especialmente do docente de História, pois há muitas questões envolvidas, neste processo, que caminha a curtos e duros passos. A cada momento, percebemos novas tentativas de coibir essa nova didática do ensino de história, mesmo com a existência de documentos que regulamentam e dão respaldo para um ensino mais dinâmico, questionador e crítico.

Apesar de vivermos em uma sociedade democrática que possibilita liberdade de ensino; vivenciamos momentos assustadores de repressão de pensamentos, nesse sentido, Gil e Eugénio (2018) afirmam que os professores se veem atacados por diferentes segmentos sociais como a família, a mídia, as religiões e, também, o Estado.

Infelizmente essas coibições não partem somente dos poderes públicos, muitas famílias não concordam e até burlam as discussões de temas sensíveis e polêmicos nas aulas, atualmente com a facilidade de acesso às redes sociais, muitos professores têm sua imagem depreciada na internet, visto que, muitos familiares estão deixando de resolver os assuntos escolares de seus filhos na instituição e levando-os para o mundo virtual.

Além desses fatores mencionados, anteriormente, a mídia assume um papel fundamental para a disseminação de notícias e formação de opinião pública, muitas vezes, quando estamos discutindo algum tema sensível em sala de aula, nos deparamos com algum posicionamento do aluno, “Não é verdade, o que foi exposto aqui, pois vi no lugar X, que é tudo o contrário e confio mais nele do que foi mencionado”.

Outro fator preponderante que afeta o desenvolvimento de aulas com temas sensíveis é a realidade de cada instituição, que tem carga horária a ser cumprida, eventos escolares, Enem, vestibular, como bem corrobora o autor, Alberti (2014), apontando que no ensino de história, essas injunções são o cotidiano escolar, e nem sempre a instituição escolar consegue conciliar aula prazerosa com uma exigência a ser cumprida. Assim como numa pesquisa, essas injunções ou circunstâncias nos obrigam constantemente a redimensionar nossos objetivos e anseios, rever nossos métodos.

Portanto, a sala de aula, especialmente, na área de História deve ser um espaço de discussão sobre as formas de ver e pensar a vida, a sociedade com seus múltiplos valores, costumes culturais, suas diversidades, a política e seus desdobramentos entre outros fatores, faz-se essencial ser

atribuído também como um local de resistência do saber, de descobertas para o novo, de liberdade de expressão e de direitos respeitados, pois a sala de aula é o espaço que pode agregar os temas diversos que contemplem a realidade de docentes e discentes, possibilitando um diálogo e conhecimento da realidade que os cerca.

2.2 TEMAS SENSÍVEIS NAS AULAS DE LITERATURA

A literatura proporciona a seus leitores um universo de possibilidades, potencialidades, o que amplia a liberdade dos indivíduos, através de sua capacidade humanizadora, conforme Cândido (1995) a humanização acontece quando o ser passa a ter consciência de que o essencial para sua própria vida, também será indispensável para a vida do próximo, por esses mesmos motivos a literatura foi alvo de censura ao longo da História do Brasil. “[...] até cerca de quarenta anos atrás, Lobato era autor proibido em colégios religiosos, por ser considerado comunista.” (Rodrigues, 2007, p. 42).

Diante do contexto atual, no qual vivencia-se um processo de moralização da sociedade, a abordagem de temas sensíveis e discussões quentes encontra diversas barreiras impostas pela sociedade. Os professores de Língua Portuguesa têm a difícil missão de promover a leitura, enquanto seus alunos vivenciam múltiplas indagações ao terem que lidar com a morte, a violência na escola, o erotismo, a sexualidade nas redes sociais, o racismo, a homofobia, dentre tantas outras questões considerados impróprias e “inadequadas” pela parcela mais conservadora da população, como se estivessem fora da realidade dos alunos.

A inclusão das leituras de temas sensíveis nas aulas contempla as angústias, questionamentos, tabus, questões existenciais e violência a qual os adolescentes são submetidos nas cidades. Nesse sentido, a literatura não pode ser alheia a realidade que a cerca, devendo abranger as diferentes formas de existência, apesar de ser comum que a aceitação e uso de textos no espaço educacional esteja em consonância com o discurso do grupo dominante (DAVILA e SOUZA, 2013).

O debate a respeito de temas polêmicos e sensíveis, nas aulas, tornou-se um desafio constante, pois através desses questionamentos é que se pode discorrer sobre o respeito às diferentes opiniões, as divergentes ideias, ou seja, a estimular a escuta de diferentes pontos de vista, de relações de poder de classe e gênero. A presença da leitura literária pode fornecer mecanismos para reconhecimento do que nos faz humanos, conforme apontamentos de Lacerda (2007, p.3) “[...] os temas vistos como polêmicos são exatamente os que mais se ocupam de nossa humanidade e podem ofertar aos leitores infantis e juvenis vias essenciais para a discussão do que os inquieta”.

Assim, há uma grande luta dos docentes de Língua Portuguesa no que se refere a formação de leitores, tanto pelo fato de termos uma população que não gosta de ler, quanto porque existe um déficit na leitura e compreensão textual. Ultimamente muitas são as reclamações com relação à deficiência na prática de leitura por parte dos nossos alunos e mais ainda uma leitura de qualidade, numa visão oposta ao positivismo o discente deve deixar de ser leitor passivo para se tornar um leitor crítico, identificando a intenção do texto lido e relacionando-a a seus conhecimentos prévios.

Muitos são os projetos educacionais voltados à superação deste problema que não é recente. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, *apud* Bonaldo e Frasson (2019), realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2016, apontou que 44% da população brasileira não lê e que 30% nunca comprou um livro. Pensando nisso, surgiram diversos projetos de incentivos à leitura: livros disponibilizados em locais públicos, campanhas publicitárias³, cantinho da leitura em escolas, dentre outros projetos que fomentam a leitura, principalmente por parte de crianças e jovens. Todavia, nos últimos anos temos lidado com uma série de casos de críticas a livros, boa parte deles, infantis, acusados de serem subversivos e inapropriados para este público (PENZANI, 2018).

Diante disso, os profissionais de Letras têm ficado alerta com relação aos tipos de livros indicados para a leitura devido a esta perseguição. Penzani (2018) fala sobre alguns livros que foram alvos de ataques virtuais, dentre eles “O menino que espiava pra dentro”, “Meninos sem pátria”, “Enquanto o sono não vem” e um dos mais polêmicos “Aparelho sexual e cia”. Este último causou uma série de polêmicas sobre sua circulação como livro didático, inclusive a disseminação de *fake news*.

A problemática nos faz questionar o porquê de “de repente” pais ou responsáveis idealizam que os docentes, ao trabalhar com a leitura literária de determinadas obras, almejam doutrinar o estudante fazendo-o um adepto às suas próprias convicções, quando na realidade o docente intenta tornar seu aluno crítico, reflexivo, defensor de suas próprias ideias de forma inteligente e com argumentos. Livros, autores e professores têm sido alvos de duras críticas, quando se trata de obras que abordam temas sensíveis. Muitas vezes, até se subestima o potencial do aluno quanto a uma problemática abordada em determinado texto seja ele literário ou não. Nesse caso, urge a necessidade de se tratar essa temática para que não se criem juízos de valor equivocados. Sobre isto Penzani (2018) adverte:

Muitos dos comentários suscitam um debate urgente, sobre o papel da escola diante da insegurança da família, a fim de não reduzir a relação entre elas e as instituições escolares a uma lógica de mercado, em que aquele que paga tem sempre razão. Diálogo mútuo e

³ Dentre elas podemos citar o “Leia para uma criança, ITAÚ”

confiança na capacidade dos professores de selecionar obras de qualidade literária e crítica é fundamental, afinal, um livro não existe por ele próprio, e sim como parte de um contexto social, político e histórico.

Ao professor de Língua Portuguesa, especialmente nas aulas de literatura, resta a difícil missão de empreender diálogos com os temas considerados sensíveis. A partir dessas discussões a literatura poderá cumprir sua função humanizadora, capaz de fazer com que os alunos possam respeitar e conviver com diferentes pessoas, que por alguns motivos, fogem da “normalidade”, possibilitando o respeito às diferenças, excluindo repertórios embebidos no preconceito.

Sendo assim, o docente deve assumir seu papel de mediador na formação de leitores e cidadãos, fornecendo aos discentes informações e conhecimentos suficientes para conduzirem suas experiências de leitura. Ao oferecer livros com uma vasta gama de temas, o professor estará ampliando o repertório do seu alunado que poderá ter outras experiências de leitura, reduzindo os preconceitos, e impulsionando-os pela criação e publicação de textos mais conscientes e críticos, criando a possibilidade de uma sociedade justa e democrática que seja capaz de conviver com seus conflitos, cumprindo, portanto, seu papel social de ser um agente transformador da sociedade, e levar ao seu público conteúdo de qualidade formativo para uma educação edificante e não discriminatória.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa consiste na compreensão de fenômenos e concessão de significados a eles. (PRODANOV e FREITAS, 2013). Para seu desenvolvimento foi realizada uma investigação do tipo bibliográfica e documental, na qual foram analisados trabalhos existentes sobre a abordagem de temas sensíveis no meio educacional, bem como documentos que norteiam a educação básica brasileira. As leituras desses textos proporcionaram um aporte teórico e metodológico para a elaboração deste artigo.

O levantamento considerou duas disciplinas: História e Língua Portuguesa, com enfoque na área de literatura. No caso de História abordamos como a Nova História e a História Cultural possibilitaram o surgimento de novos estudos, e, conseqüentemente, a inserção de outros personagens históricos não necessariamente pertencentes a um grupo seletivo. Essa mudança acarretou distintas transformações no ensino da história e a incorporação de temas sensíveis, tais como, negros, indígenas, mulheres, dentre outros. A disciplina de História é edificada por um conjunto de regras e orientações pedagógicas, que visa colocar o sujeito histórico e suas múltiplas facetas no centro da discussão, todavia, ocorre principalmente, por tudo o que os docentes e discentes praticam em sala de aula e levam para a vida fora do ambiente escolar.

Já em Língua Portuguesa, além da discussão paradoxal sobre a função formadora da literatura em sala de aula, foram realizados questionamentos a respeito da censura existente a algumas obras literárias com temáticas polêmicas, dos quais podemos citar: a sexualidade, a morte, a abordagem de alguns períodos históricos, a violência na escola, a identidade de gênero, o erotismo, o racismo, dentre outros. A literatura nem sempre foi valorizada pela sociedade, apesar de constituir-se como um instrumento de mudança que possibilita conhecer e transformar o seu humano e sua forma de relacionar-se no mundo.

Sendo assim, realizamos, neste texto, um estudo bibliográfico e documental explorando as contribuições da formação e prática docente, levando em consideração a importância dos temas sensíveis a serem trabalhados em sala de aula, o que torna-se um desafio para os professores que precisam ser imparciais e mediadores de conflitos, considerando sempre a formação do aluno crítico que respeite o ponto de vista do outro. Através do estudo ora realizado, podemos afirmar que os professores precisam dialogar mais com seus pares, investir em leituras e pesquisas, especificamente, no tocante aos conteúdos que referem-se às temáticas sensíveis nas salas de aula. Logo, se faz primordial discussões acadêmicas e formações continuadas para que os docentes sintam-se mais seguros ao falar dos diversos assuntos e conteúdos que afligem a sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse ensaio concluímos que em pleno século XXI, os docentes ainda se deparam com situações opressoras que acabam interferindo no desenvolvimento das suas aulas, especialmente, ao que se refere às disciplinas de História e Literatura objetos desse estudo.

No entanto, isso não é sinônimo de desistência, pelo contrário. Os professores, a cada momento, vêm buscando novos aperfeiçoamentos, bem como procurando apoio em alguns documentos oficiais, PCNs, DCNs e LDB, para se resguardar e garantir sua liberdade de expressão, ou seja, a discussão de temas sensíveis e polêmicos em suas aulas.

Diante do cenário atual, que vivenciamos, sabemos que os desafios são inúmeros, presenciamos a falta de estrutura da maioria das escolas brasileiras, famílias que não participam da vida escolar dos seus filhos, alunos que não conseguem enxergar na educação a mudança de vida tão almejada. Tudo isso são pontos que devem ser driblados pelos docentes para levar uma educação prazerosa, que dialogue com seu público.

Destarte, os mestres encontram forças, por diversas vezes, perante ao caos para ter e ser resistência, que é de suma importância para levar o desenvolvimento de uma educação de qualidade,

crítica e humanizadora, pois eles são os principais protagonistas e condutores para a formação de cidadãos críticos.

Consideramos que o trabalho ora exposto é interdisciplinar, pois além de abranger as disciplinas de História e Literatura podem ser debatidos temas sensíveis e polêmicos em outras disciplinas, tais como Matemática, Ciências, Geografia, bem como podem ser trabalhadas pelo conjunto de todas as disciplinas de maneira interdisciplinar.

Para Freire (1987) *apud* Thiesen (2008) a interdisciplinaridade é o processo metodológico de construção do sujeito baseado na realidade, no contexto, na cultura. Dessa maneira, a relação entre as disciplinas baseia-se em uma situação real permeada por relações e dinâmicas diversas, nas quais a educação e as formas de ensinar e de aprender não devem ser mais as mesmas. Nesse sentido, a transmissão linear e parcelada da informação livresca certamente não será suficiente para dar conta de todo o processo de ensino-aprendizagem.

Logo, faz-se crucial que sejam debatidos temas sensíveis nas instituições de ensino, pois, a partir da discussão desses temas, a escola enquanto instrumento de acesso à cidadania, à autonomia, à criatividade, inserida em determinada realidade, estará preparando o indivíduo para a vida em comunidade, considerando a pluralidade em sua organização curricular, didática e pedagógica, indo de encontro às orientações dos PCNs ao respeitar as diferenças individuais, mobilizando diferentes temáticas que não representam apenas as disciplinas isoladas, mas os diversos aspectos que constituem o exercício da cidadania.

No mais, queremos afirmar que esse texto e a temática escolhida possibilitou-nos (re)pensar a prática, instigando-nos a reflexão com os nossos pares, buscando novos estudos e aperfeiçoando o saber tão importante para o desempenho de docentes e discentes.

Diante do exposto, concluímos que é de suma importância continuarmos pesquisando sobre a formação de professores e estabelecermos diálogo com novos estudos, pois somos conscientes que a vida de docente constitui-se um contínuo aprendizado.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O professor de história e o ensino de questões sensíveis e controversas.** Palestra proferida no IV Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades. Centro de Ensino Superior do Seridó (Ceres) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Caicó (RN), p. 1-11, 17 a 21 de nov. de 2014. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/17189/palestra%20Verena%20Alberti%20seminario%202014%20Caico.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 de mai. de 2020.

ALVES, Carlos Jordan Lapa; ROSA, Geder da Rocha. **Uma reflexão sobre o ensino de História:** um estudo de caso do processo de ensino-aprendizagem. *Ensaio Pedagógico*. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET, Curitiba - PR, p. 35-43, Jun, 2016. Disponível em: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n11/artigo3.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2019.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Reflexões Sobre o Ensino de História.** *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 32, nº 93, maio/ago, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142018000200127&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 set. de 2019.

BONALDO, Caroline; FRASSON, Tamires. **Projetos de incentivo à leitura espalhados pelas cidades buscam reverter baixo índice de leitores no Brasil.** *Jornal Subverbo*. 24 Ag. 2019. Disponível em: <https://medium.com/jornalsubverbo/projetos-de-incentivo-%C3%A0-leitura-espalhados-pelas-cidades-buscam-reverter-baixo-%C3%ADndice-de-leitores-ae24770261a3>. Acesso em: 16 mai. 2020.

BORDINI, Maria da Glória. Leitores relutantes, professores resistentes. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Debate:** temas polêmicos na literatura, Rio de Janeiro, p. 32-37, Boletim 11, jun, 2007. Disponível em: <https://cdnbi.tvescola.org.br/contents/document/publicationsSeries/1426102919389.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília :

MEC/SEF, 1998. 436 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 mai. 2020.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. v.3. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CAVALCANTE, Meire. **Interdisciplinaridade: um avanço na educação**. Nova Escola. 07 mar. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/249/interdisciplinaridade-um-avanco-na-educacao>. Acesso em: 16 mai. 2020.

CRISTOVAM, Francisca Kelly Gomes; ARAÚJO, Maria Jucineide. **Formação e prática docente: o uso de temas sensíveis na sala de aula de história**. VI Congresso Nacional de Educação, Fortaleza/CE, 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV127_MD1_SA1_ID11951_03102019111600.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

DAVILA, Denise; SOUZA, Renata Junqueira de. **O Uso de Textos Polêmicos em Sala de Aula: formação e prática docente**. Educação & Realidade, Porto Alegre, vol. 38, nº 4, out./dez., 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000400011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28 set. de 2019.

FORGIARINI, Marcia Soares; AULER, Décio. **A abordagem de temas polêmicos na educação de jovens e adultos: o caso do "florestamento" no Rio Grande do Sul**. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, p. 399-421, vol. 8, nº 2, 2009. Disponível em: http://reec.webs.uvigo.es/volumenes/volumen8/ART2_Vol8_N2.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; EUGÊNIO, Jonas Camargo. **Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas**. Revista História Hoje, p.139-159, vol. 7, nº 13, jun, 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/430/273>. Acesso em: 28 set. 2019.

LACERDA, Nilma. Debate: temas polêmicos na literatura. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Debate: temas polêmicos na literatura**, Rio de Janeiro, p. 3-15, Boletim 11, jun, 2007. Disponível em: <https://cdnbi.tvescola.org.br/contents/document/publicationsSeries/1426102919389.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2020.

MACHADO, Antônio Berto. Docência na Contemporaneidade: formação e identidades em disputa. In: RODRIGUES, Melânia Mendonça; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. (Orgs). **Trabalho e formação docente na contemporaneidade**. Campina Grande, PB: EDUEFCG, 2009 p.77-93.

MORAES, Ana Paula da Cruz Pereira de. Caminhos da História Ensinada e a Construção de Novos Saberes e Histórias na Sala de Aula. In: LÔBO, Isamarc Gonçalves; NETO, Manoel Dionizio. (Orgs). **Diferentes espaços no tempo: o ensino, a formação e os discursos**. Cajazeiras, PB: EDUEFCG, 2012, p. 80-96.

PENZANI, Renata. **Por que estamos diante de uma onda de livros proibidos no Brasil?** Lunetas. Publicado em: 04.10.2018; Atualização: 23.10.2018. Disponível em: <https://lunetas.com.br/livros-proibidos/>. Acesso em: 16 mai. 2020.

PEREIRA, Marcus Vinicius Mayer; SEFFNER, Fernando. **Entre o dito e o não-dito: a morte na literatura infantojuvenil**. Textura. v. 21, n. 45, p. 148-174, jan/mar 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4815/3333>. Acesso em: 15 mai. 2020.

PEREIRA, Nilton Mullet. PAIM, Alison Antonio. **Para pensar o ensino de história e os passados sensíveis: contribuições do pensamento decolonial**. Revista Educação e Filosofia, p.01-16, vol. 32, nº 66, dez, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/40152>. Acesso em: 14 mai. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 15 mai. de 2020.

RODRIGUES, Cynthia Campelo. Livros, literatura e censura: caminhos da liberdade. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Debate**: temas polêmicos na literatura, Rio de Janeiro, p. 38-45, Boletim 11, jun, 2007. Disponível em: <https://cdnbi.tvescola.org.br/contents/document/publicationsSeries/1426102919389.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2020.

THIESEN, Juarez da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação, vol.13, no.39, Rio de Janeiro, set./dez. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010. Acesso em: 16 mai. 2020.